

O SAGRADO NA TERRA-MÉDIA: UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL ENTRE A SAGRADA ESCRITURA E *O SENHOR DOS ANÉIS*

Ribanna Martins de Paula (Mestranda Literatura Comparada pela UnB)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma análise intertextual entre a Bíblia Sagrada, expoente das religiões judaica e cristã, e a trilogia *O Senhor dos Anéis* escrita por J. R. R. Tolkien, obra literária de grande sucesso. Para tal, serão utilizados os estudos relacionados à manifestação do sagrado, assim como os da simbólica na história das religiões, de Eliade (1992, 1979). A teoria da intertextualidade utilizada como metodologia na análise comparativa a que este trabalho se propõe será de acordo com as definições cunhadas por Kristeva (1969) e Genette (2010). Ao alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa evidencia o quanto a Sagrada Escritura influenciou a narrativa da Terra-Média, bem como as bases mitológicas de seu universo ficcional. Ademais, buscando contribuir para o fomento dos estudos relacionados à associação entre literatura e espiritualidade, este artigo esclarece como se torna possível a relação de textos religiosos milenares com obras literárias modernas.

Palavras-chave: Sagrada Escritura. O Senhor dos Anéis. Intertextualidade. O sagrado.

ABSTRACT

This article aims to make an intertextual analysis between the Holy Bible, exponent of the Jewish and Christian religions, and the trilogy *The Lord of the Rings* written by J. R. R. Tolkien, a successful literary work. In order to do this, it will be used the studies related to the manifestation of the sacred, as well as those about the symbolic in religions' history, by Eliade (1992, 1979). The intertextuality theory used as the methodology in the comparative analysis proposed by this work will be according to the definitions coined by Kristeva (1969) and Genette (2010). Reaching the proposed goal, this research puts in evidence how the Sacred Scripture influenced the Middle-Earth's narrative, as well as its fictional universe's mythological basis. Moreover, aiming to contribute to the promotion of the studies related to the association between literature and spirituality, this article clarifies how it becomes possible the relationship of millennial religious texts with modern literary works.

Keywords: Sacred Scripture. *The Lord of the Rings*. Intertextuality. The sacred.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade realizar uma comparação entre a Bíblia Sagrada – do ponto de vista literário – e a trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e analisar aspectos semelhantes aos dois escritos à luz dos estudos correspondentes à manifestação do sagrado conforme o exposto pelo historiador das religiões romeno, Mircea Eliade (1992, 1979). Esta pesquisa justifica-se pela relevância do estudo do sagrado presente no mundo moderno, uma vez que ao homem profano – oposto de sagrado – é impossível abolir de forma completa o comportamento religioso. Ademais, será apresentado um breve resumo de *O Silmarillion* – obra na qual estão contidas as bases mitológicas do universo ficcional de Tolkien – a fim de esclarecer e comprovar como as obras do autor foram influenciadas pela mitologia judaico-cristã.

Quanto à metodologia usada neste estudo, escolheu-se aplicar o estudo bibliográfico, bem como o método comparativo – mais especificamente, a teoria da intertextualidade. Para tal, foram considerados os trabalhos de Kristeva (1969), em que um texto é o cruzamento de outros textos – todos os lidos pelo escritor – resultando em um novo texto; e Genette (2010), que defende a ideia de que o texto é a absorção e transformação de outro texto, uma vez que entre ambos – Bíblia e *O Senhor dos Anéis* – é estabelecida uma relação de copresença.

Alcançando a finalidade proposta, o presente trabalho contribui para estudos sobre a relação entre literatura e espiritualidade, cada vez mais presentes, assim como para o crescimento da fortuna crítica acerca de uma das trilogias mais lidas e analisadas academicamente do século XX. De tal maneira, este trabalho colabora para o entendimento de assuntos importantes relacionados ao estudo do sagrado, aplicados a textos religiosos milenares e a obras literárias modernas.

MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO

Em *O sagrado e o profano*, o historiador das religiões, Mircea Eliade, propõe o termo hierofania para indicar o ato da manifestação do sagrado, que constitui a história das religiões. Enquanto o homem moderno sente-se desconfortável ao ver-se rodeado de

manifestações do sagrado, o autor explica que desde as sociedades arcaicas o homem busca estar inserido no sagrado e rodeado de objetos consagrados. Sendo assim, é comum “a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’” (ELIADE, 1992, p. 13).

Para o indivíduo religioso até mesmo o espaço adquire sacralidade ao não ser reconhecido como homogêneo, mas como possuidor de porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. O princípio da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência religiosa primária, uma vez que está relacionada à fundação do mundo. Isso se dá, pois ao se manifestar por meio de uma hierofania, o sagrado propicia a rotura do espaço, revelando assim um Centro – eixo de toda a orientação futura do ser religioso. Dessa forma, a descoberta de um espaço sagrado é essencial para este ser, pois “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (ELIADE, 1992, p. 17).

Um elemento capaz de evidenciar a heterogeneidade do espaço é a possibilidade do homem de receber a revelação de um lugar sagrado, uma teofania – manifestação de Deus em algum lugar, coisa ou pessoa. Eliade faz alusão ao exposto usando textos sagrados e lendas, como o encontro da Casa de Deus por Jacó, no Gênesis, e a fundação da cidade El Hemel no século XVI. Ponto interessante apresentado pelo autor é a ideia de continuidade do espaço simbolizada muitas vezes por algo que distingue e opõe o mundo profano do sagrado. Muitas vezes representada pela figura da porta, essa fronteira, uma vez ultrapassada, causa a transcendência do mundo profano e, conseqüentemente, torna possível a comunicação entre homens e divindades.

Considerando a importância de uma teofania para as sociedades, torna-se relevante ressaltar que esta constitui o eixo cósmico e *axis mundi*¹ de uma comunidade. Portanto, é ao redor de um lugar ou objeto consagrado que a criação de uma sociedade acontece, bem como sua comunicação com os deuses é possibilitada. Ao consagrar um lugar e nele estabelecer moradia, o homem repete de forma ritualística a Criação do Mundo (cosmogonia) realizada pelas divindades, pois o Caos – espaço estrangeiro, caótico, povoado

¹ Do latim “centro do mundo”, “ pilar do mundo”.

por espectros e demônios – transforma-se em Cosmos – território conhecido e habitado pela “nossa gente”.

“Situar-se” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992, p. 23)

Ademais, as concepções tradicionais de Centro do Mundo de muitas culturas e religiões possuem como símbolo deste centro lugares altos – montanhas, árvores, escadas, pilares – e, assim, exprimem um sentimento comum, “profundamente religioso: ‘nosso mundo’ é uma terra santa porque é o lugar mais próximo do Céu, porque daqui, dentre nós, pode se atingir o Céu; nosso mundo é, pois, um ‘lugar alto’”. (ELIADE, 1992, p. 25).

As figuras da montanha e da árvore como Centro do Mundo merecem especial atenção. Uma vez que assume a função de ligar a Terra e o Céu, as Montanhas cósmicas serviram de modelo para a construção de torres e santuários. Na Babilônia, estavam presentes até mesmo nos nomes das construções: “Monte das Tempestades”, “Casa do Monte de todas as Terras”, “Monte da Casa”, “Ligação entre o Céu e a Terra”, etc. Assim, a construção de templos era influenciada pelo simbolismo da viagem da Terra ao Céu, fazendo com que ao atingir o ponto mais alto o peregrino transcenda o mundo profano, pois se encontra em um lugar puro. Um exemplo é a *ziggurat*– templo Mesopotâmio – dividida em sete andares simbolizando os sete céus, fazendo com que o sacerdote, ao ascender ao topo do templo, ascendesse ao cume do Universo.

No que concerne à árvore, Eliade afirma que os mitos e ritos da Terra-Mãe, por exprimirem ideias de fecundidade e riqueza, proporcionam ao homem religioso identificar aspectos da fertilidade universal como representante do mistério da criação da Vida – mistério central do Mundo. Tendo em vista que o Cosmos é um organismo vivo cuja renovação acontece periodicamente, entende-se o porquê de este ser imaginado sob a forma de uma árvore gigante, pois o mistério da aparição da Vida “corresponde à renovação rítmica do Cosmos” (ELIADE, 1992, p. 73).

Dessa maneira, pode-se dizer que o “verdadeiro mundo” sempre encontra no Centro do Mundo, pois é no centro que a conexão entre as zonas cósmicas é possível. Todo ato cosmogônico humano trata-se de um Cosmos perfeito e, por isso, toda uma região, uma cidade e um santuário são uma representação da imagem no Universo – *imago mundi*. Segundo o exemplo dado por Eliade, a Palestina, bem como Jerusalém e o Templo de Jerusalém representam, individualmente e em conjunto, uma imagem do Universo e o Centro do Mundo. Portanto, uma das características específicas das sociedades tradicionais é o desejo de viverem no Umbigo do Mundo, uma vez que seus países, suas cidades, seus templos ou palácios e, conforme suas crenças, suas habitações reproduziam o Universo em diferentes escalas microcósmicas.

Por fim, outro aspecto comum às várias religiões são os ataques dos inimigos dos deuses: o Dragão primordial. O Dragão, vencido pelos deuses no início dos tempos, simboliza tudo aquilo – Eliade cita os exércitos, demônios, doenças e morte – que ameaça reduzir o Cosmos ao Caos. Uma vez que uma comunidade é atacada por invasores, toda destruição causada equivale a uma regressão ao Caos, enquanto as vitórias contra o inimigo confirma a vitória sobre o mesmo. Vale ressaltar que ainda hoje expressões como “caos” e “trevas” são usadas para indicar os perigos que ameaçam as sociedades, isto é, a ordem do Cosmos. Infere-se então que o homem profano, mesmo que de forma inconsciente, mantém algo da concepção religiosa.

O SILMARILLION E A MITOLOGIA DA TERRA-MÉDIA

Além da trilogia, outra obra de Tolkien que será considerada para esta análise é *O Silmarillion*, pois nesta estão presentes as bases mitológicas da Criação de Arda, da Terra-Média, das criaturas que aí vivem e de toda a história do Anel. “Diferente do que acontece com os demais romances de fantasia medieval hoje, o autor conserva a visão monoteísta da Criação” (SANTOS, 2013, p. 107), conforme o início da *Ainulindalë*: “Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, [...] os grandes, entre esses espíritos, são denominados Valar, [...] mas os de grau inferior são os Maiar [...]” (TOLKIEN, 2003, p. 3-14). Assim,

considerando a influência hebraico-cristã na obra, pode-se inferir que Eru é o equivalente a Deus, os Valar aos arcanjos e os Maiar aos anjos.

Dividido em três canções – Ainulindalë, Valaquenta e Quenta Silmarillion, respectivamente – a primeira narra a Criação do Mundo, no caso, de Arda, e a rebelião liderada pelo Vala, Melkor – renomeado Morgoth –, que tendo desobedecido Eru três vezes é condenado junto com os adeptos de sua rebelião. O arcanjo rebelde então desce à Terra-Média e corrompe parte da criação de Eru, fazendo-os seus criados e súditos. Desta maneira, Eru envia à Terra-Média a legião dos Valar e dos Maiar a fim de eliminar do Mundo o perigo de Melkor. A Primeira Era chega então ao fim com a vitória do exército de Eru. O episódio brevemente narrado apresenta muitas semelhanças com textos bíblicos. Nos capítulos 1 e 2 do Gênesis, tem-se a Criação do Mundo por Deus; em Ezequiel 28, 13-17, a revolta do arcanjo e sua condenação – também em Isaias 14, 12-15.

A Segunda Era é importante, uma vez que é neste período que os Anéis do Poder são feitos pelo elfo Celebrimbor e seu povo com a ajuda de Sauron – fiel servo de Morgoth e segundo Senhor do Escuro. Entretanto, desconfiando das intenções de Sauron, Celebrimbor forjou mais três anéis que foram dados aos senhores elfos. Por fim, Sauron forja em segredo, no fogo da Montanha da Perdição, o Um Anel – Anel Governante –, com o objetivo de controlar os outros anéis. Mais adiante, após roubar os Anéis do Poder – exceto os três portados por elfos –, Sauron distribui sete aos senhores anões e nove aos reis de Angmar, homens enganados por ele e transformados em Espectros do Anel, seus criados.

É neste período também que Eru envia os Istari² para deter Sauron, a Última Aliança entre elfos e homens é formada contra este, que perde sua forma física ao perder o Um Anel. O Anel é então capturado pelo Rei de Gondor e de Anor, Isildur, que seduzido e governado por seu poder, se nega a destruí-lo e o mantém para si. Uma vez que Isildur, traído pelo Anel, é assassinado em uma emboscada, o Anel fica séculos perdido até ser encontrado por Sméagol. Novamente percebem-se semelhanças entre o livro de Tolkien e narrativas bíblicas, pois a figura do Anel pode ser um símbolo do pecado, aquele que corrompe, e em Romanos 6,23a, São Paulo afirma que a morte é o único salário do pecado.

²Da raça dos Maiar, conhecidos na Terra-Média como magos. Gandalf é um deles.

Inicia-se assim a Terceira Era, na qual o espírito de Sauron – aproveitando-se da gradativa perda de poder dos elfos e da quase extinção dos númenorianos³ – retorna a fim de recuperar sua forma física e subjugar a Terra-Média por meio do Um Anel. Assim, ele inicia sua busca pelo poderoso artefato, bem como os magos de Eru, desconfiados do retorno do inimigo e de seu plano. A partir desse momento, a linha narrativa entra em *O Senhor dos Anéis*, responsável por narrar os acontecimentos que ficaram conhecidos como A Guerra do Anel.

BÍBLIA SAGRADA E *O SENHOR DOS ANÉIS*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

O Senhor dos Anéis foi publicada entre 1954 e 1955, sendo de autoria do escritor e filólogo britânico John Ronald Rouel Tolkien. Desde então, é considerado uma das principais obras do gênero maravilhoso, sendo constituído de três volumes: *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*. Tolkien era de família anglicana, porém converteu-se ao catolicismo após a morte de sua mãe – por considerar sua morte um sacrifício em nome da fé Católica. Por conta das similaridades com a Sagrada Escritura, mais tarde o autor reconheceu que *O Senhor dos Anéis* é “um trabalho fundamentalmente religioso e Católico, inconscientemente no início, mas ciente disso na revisão” (TOLKIEN, 2000, p. 183).

Para início de análise, cabe ressaltar a importância do reino de Gondor na narrativa. Este é o reino mais poderoso dos homens na Terra-Média, fundado por Isildur e Anárion, seu irmão, após serem jogados na região pelas ondas durante sua fuga de Númenor. Isildur então planta na Terra-Média a semente do fruto da árvore Nimloth, queimada por Sauron em Númenor. “Nimloth por sua vez descendia da Árvore de Tirion, que era uma imagem da Mais Velha das Árvores, a Alva Telperion, que Yavanna fizera crescer na terra dos Valar”⁴ (TOLKIEN, 2003, p. 180). Assim, floresceu a Árvore Branca de Gondor, lembrança da luz de Valinor, e símbolo da nobre raça dos númenorianos e seus descendentes. Em *As Duas Torres*, ao vislumbrar Gondor no horizonte, Aragorn exclama:

³ Homens de Númenor, descendentes de Elfos e Homens.

⁴ Chamada Valinor.

Gondor! Gondor, between the Mountains and the Sea!
West Wind⁵ blew there; the light upon the Silver Tree⁶
Fell like bright rain in gardens of the Kings of old.
O proud walls! White towers! O wingéd crown and throne of gold!
O Gondor, Gondor! Shall Men behold the Silver Tree,
Or West Wind blow again between the Mountains and the Sea?
(TOLKIEN, 2011, p. 423)

Na trilogia *O Senhor dos Anéis* torna-se evidente que o destino do reino de Gondor está conectado à Árvore Branca – uma vez que esta está fadada à morte quando o reino está à beira da ruína –, assemelhando-se ao credo judaico de que enquanto a Arca da Aliança estivesse presente em seu meio, seu povo não seria subjugado pelos povos circunvizinhos. Dessa forma, outra característica comum à Árvore Branca e à Arca da Aliança é o fato de que ambas constituem-se como uma teofania e, conseqüentemente, revelam-se o *axis mundi* de suas comunidades – proporcionando uma certa comunicação com as divindades. Ademais, ao plantar a muda que remonta à Árvore dos Valar – bem como estabelecer a Arca, que guarda as Tábuas da Lei escritas pelo próprio Deus, em um ponto específico, – o Caos torna-se Cosmos, e a cosmogonia é ritualisticamente repetida.

Conforme visto no texto de Eliade, lugares altos são tradicionalmente escolhidos como símbolo do Centro de Mundo por grande parte das culturas e religiões. Retornando ao reino de Gondor, é possível confirmar o exposto ao considerar a parte da narrativa de *O Retorno do Rei* em que Gandalf e Pippin chegam a Minas Tirith – capital do reino, onde está localizada a Árvore Branca – e esta é descrita.

For the fashion of Minas Tirith was such that it was built on seven levels, each delved into the hill, and about each was set a wall, and in each wall was a gate. [...] each time that it passed the line of the Great Gate it went through an arched tunnel, piercing a vast pier of rock whose huge out-thrust bulk divided in two all the circles of the City save the first. For partly in the primeval shaping of the hill, partly by the mighty craft and labour of old, there stood up from the rear of the wide court behind the Gate a towering bastion of stone, its edge sharp as a ship-keel facing east. Up it rose, even to the level of the topmost circle, and there was crowned by a battlement [...] The entrance to the Citadel [...] was delved in the heart of the rock; thence a long lamp-lit slope ran up to the seventh gate.

⁵Referência à benção dos Valar, pois Valinor fica ao oeste da Terra-Média.

⁶ Referência a Telperion, árvore prateada – junto a Laurelin (dourada), davam luz à Valinor – que posteriormente originou a Lua.

Thus men reached at last the High Court, and the Place of the Fountain before the feet of the White Tower: tall and shapely, fifty fathoms from its base to the pinnacle [...] The Guards of the gate [in the Citadel] were robed in black [...] Upon the black surcoats were embroidered in white a tree blossoming like snow beneath a silver crown and many-pointed stars. This was the livery of the heirs of Elendil, and none wore it now in all Gondor, save the Guards of the Citadel before the Court of the Fountain where the White Tree once had grown. (TOLKIEN, 2011, p. 751-753)

Este trecho revela a localização do eixo cósmico – a Árvore – de Minas Tirith, sendo o mais alto dos sete níveis da cidade. Pela descrição citada e a imagem produzida por aqueles que a leem, infere-se que a cidade, escavada na rocha, teve sua construção realizada a partir do topo – além de possuir sete níveis correspondentes aos sete céus. Assim, confirma-se mais uma vez o pensamento de que a Árvore Branca de Gondor constitui o *axis mundi* de seu povo, uma vez que é a partir dela que a criação da sociedade de Minas Tirith acontece.

Conforme revela o texto de Eliade, a imagem da Árvore cósmica é comum às religiões cristãs. “A Cruz, feita da madeira da Árvore do Bem e do Mal, substitui a Árvore Cósmica; o próprio Cristo é descrito como uma Árvore” (ELIADE, 1979, p. 157). O autor também explana que a cruz é evocada como uma árvore que se ergue no centro do Céu e da Terra, sustentando o universo, conectando todas as coisas, servindo de entrelaçamento cósmico. O Padre de Lubac explica:

[...] a liturgia bizantina canta ainda hoje, no dia da exaltação da Santa Cruz, a árvore da vida plantada no Calvário, a árvore sobre a qual o Rei dos séculos operou a nossa salvação. [A árvore que] saindo das profundezas da Terra [...] se elevou no centro da Terra e santifica até aos confins do universo. (DE LUBAC *apud* ELIADE, 1979, p. 157)

Portanto, *O Senhor dos Anéis* possui, também, elementos que são produtos do intertexto entre este e o Novo Testamento. Além do mais, a imagem do Cristo como Árvore da Vida também constitui um *axis mundi*, pois em sua existência verdadeiramente Humana e verdadeiramente Divina ocorre a comunicação do homem com a divindade, e em torno de

sua pessoa origina-se a toda a comunidade cristã – todos os cristão do passado, presente e futuro encontram-se em seu Corpo Místico, do qual o Cristo é a Cabeça⁷.

Na Sagrada Escritura há alguns exemplos de comunidades originadas ao redor ou a partir de um eixo cósmico. O primeiro deles é a cidade de Betel – pertencente à antiga região da Samaria – onde Jacó contemplou a visão da escada por onde anjos subiam e desciam. Sobre o episódio, a Escritura narra:

Jacó, despertando de seu sono, exclamou: ‘Em verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia!’ E, cheio de pavor, ajuntou: ‘Quão terrível é este lugar! É nada menos que a casa de Deus; é aqui, a porta do céu.’ No dia seguinte, pela manhã, tomou Jacó a pedra: sobre a qual repousara a cabeça e a erigiu em estela, derramando óleo sobre ela. (GÊNESIS 28,16-18)

Assim, a pedra usada de travesseiro por Jacó constitui um *axis mundi*. Outro exemplo é o Monte Sinai, no topo do qual Deus se manifesta a Moisés e escreve seus Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Tem-se escrito que após três meses de sua saída do Egito “os israelitas entraram no deserto do Sinai. Tendo partido de Rafidim, chegaram ao deserto do Sinai, onde acamparam. Ali se estabeleceu Israel em frente ao monte” (ÊXODO 19,1-2). Uma vez que a Montanha cósmica realiza a comunicação entre Terra e Céu, compreende-se porque o Gólgota/Calvário, para os cristãos, situa-se no Centro do Mundo.

Recordando o exposto por Eliade na primeira seção deste artigo, pode-se afirmar que à semelhança da Palestina, de Jerusalém e do Templo, o reino de Gondor, sua capital Minas Tirith e a Árvore Branca representam uma *imago mundi* tanto individualmente quanto em conjunto. Isso se dá em razão de que ao estabelecer-se em Gondor e fundar a cidade de Minas Tirith, Isildur e Anárion repetiram a cosmogonia realizada por Eru ao criar Arda. O que era Caos tornou-se Cosmos. A Árvore Branca – constituída o Centro do Mundo e proporcionando a conexão com o divino, assim como o Templo de Jerusalém – representa uma imagem do mundo por conta de seu simbolismo cosmogônico por si só.

Por fim, como último elemento a ser comparado neste trabalho, tem-se a figura do Dragão primordial simbolizado em tudo aquilo que ameaça destruir o Cosmos e retornar ao

⁷ De acordo com a fé católica – religião cristã foco neste estudo.

[221] GARRAFA. Vol. 16, n. 46, Outubro-Dezembro 2018. “O sagrado na terra...”, p. 211 - 224. ISSN 18092586

Caos. Na Bíblia Sagrada há exemplos de batalhas e guerras travadas pelo povo de Deus contra seus inimigos. Entretanto, o maior combate – e mais esperado – será aquele travado entre o Cristo e seu exército celeste, contra o demônio e seus condenados. Sobre este, a Escritura narra:

Vi ainda o céu aberto: eis que aparece um cavalo branco. Seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro, e é com justiça que ele julga e guerreia. [...] Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome é Verbo de Deus. Seguiam-no em cavalos brancos os exércitos celestes, vestidos de linho fino e de uma brancura imaculada. De sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações pagãs [...] Ele traz escrito no manto e na coxa: Rei dos reis e Senhor dos senhores! [...] Eu vi a Fera e os reis da terra com os seus exércitos reunidos para fazer guerra ao Cavaleiro e ao seu exército. Mas a Fera foi presa, e com ela o falso profeta [...] Ambos foram lançados vivos no lago de fogo sulfuroso. Os demais foram mortos pelo Cavaleiro, com a espada que lhe saía da boca. [...] Vi, então, descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande algema. Ele apanhou o Dragão, a primitiva Serpente, que é o Demônio e Satanás, e o acorrentou [...] Depois de se completarem mil anos, Satanás será solto da prisão. Sairá dela para seduzir as nações dos quatro cantos da terra [...] e reuni-las para o combate. [...] Subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade querida. Mas desceu um fogo dos céus e as devorou. O Demônio, sedutor delas, foi lançado num lago de fogo e de enxofre [...] onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos. (APOCALIPSE 19,11-21; 20,1-10)

Em *O Senhor dos Anéis* o maior embate é aquele entre a raça dos elfos e dos homens contra Sauron e seu exército de orcs, trolls e Nazgûl. Para ter sucesso, é preciso que a horda de Sauron destrua Minas Tirith e conquiste Gondor – se esta cair, a Terra-Média sucumbe. Em *O Retorno do Rei* é narrada a situação de Minas Tirith durante seu cerco, bem como sua vitória após a chegada do exército de Rohan e dos Dunedáin⁸ na Batalha dos Campos de Pelennor. Por fim, há a última batalha pela Terra-Média nos Portões de Mordor, em que tudo parece perdido, porém a segunda vitória contra o Caos é garantida graças à destruição do Um Anel por Frodo nas chamas da Montanha da Perdição.

⁸Descendentes dos numenorianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, tornou-se evidente o quanto o conhecimento da narrativa apresentada na Sagrada Escritura influenciou Tolkien em seus trabalhos ao longo da vida, principalmente sua obra de maior sucesso. Esta conclusão é possível ao aprofundarmos o estudo acerca da manifestação do sagrado em religiões e culturas, e compará-lo ao universo ficcional de Tolkien em *O Senhor dos Anéis*. Ademais, é interessante perceber a maestria com que o autor construiu as bases mitológicas da Terra-Média e as conectou à sua obra com fluidez.

Longe de esgotar as análises provenientes da comparação entre a Sagrada Escritura e *O Senhor dos Anéis*, este artigo evidenciou a importância de Gondor para a narrativa, uma vez que o reino e seu povo estão presentes em todos os elementos analisados, bem como a complexidade simbólica que permeia sua história. Portanto, conclui-se que *O Senhor dos Anéis* é uma obra fundamentalmente cristã, cujos elementos religiosos são apresentados de forma complexa e velada por Tolkien, um dos maiores expoentes da literatura maravilhosa de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave-Maria, 2010. Edição Catequética Popular.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Debates, 1969.

SANTOS, Silas Daniel dos. “Por Deus, pelo Rei, e pela Terra-Média” - elementos religiosos em o senhor dos anéis de J. R. R. Tolkien. **Web-Revista Sociodialeto**. Campo Grande, v. 4, n. 10, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/15/31072013035138.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

TOLKIEN, J. R. R. **The Fellowship of the Ring**. London: Harper Collins Publisher, 2011.

_____. **The Two Towers**. London: Harper Collins Publisher, 2011.

_____. **The Return of the King**. London: Harper Collins Publisher, 2011.

_____. **O Silmarillion**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **The Letters of J. R. R. Tolkien**. Boston: Mariner Books, 2000.

Submetido à publicação em 22 de julho de 2018

Aprovado em 20 de agosto de 2018